

TODA CAMPANHA

Para chegar à Tóquio novamente, veja na página 6 os caminhos que o Tricolor teve que percorrer. Vencer uma Taça Libertadores é tarefa bastante difícil.

FOLHA DO ESPORTE

São Paulo, de 27 de maio a 13 de junho de 1993 * ANO II * N.º 89 * Cr\$ 20.000,00

TÍTULOS E TAÇAS

Na página 5, todos os campeões da Libertadores e os títulos que o São Paulo obteve a partir dos anos 90. Clube virou um bicho-papão brasileiro.



SÃO PAULO



O DONO DA AMÉRICA

O São Paulo é bicampeão da Libertadores. E volta a Tóquio no final do ano com a missão de exorcizar o Olímpique. Pág. 7



Foto: Claudine Perrelli

Em pé: Gilmar, Zetti, Vitor, Pintado, Dinho e Ronaldo Luís. Agachados: Muller, Palhinha, Raí e Cafu. Um timaço

O capitão Raí arruma as malas

O maior astro do time bicampeão da Libertadores começa a se despedir da torcida. E com a missão cumprida. Página 9

Zetti prova ótima fase e aparece como verdadeira muralha Pág. 3



André está com sede de bola e é mais uma grata surpresa das divisões de base



André: outra revelação

Lateral esquerdo que saiu das divisões de base é sucesso. Pág. 5

O traço-poster dos campeões está na página 10



A defesa do goleiro Zetti no pênalti cobrado por Gamboa foi o momento mais importante da conquista da Taça do ano passado no 1.º título do Tricolor

Macedo foi um dos heróis do jogo. Logo após entrar, ele sofreu o pênalti. Aos 22 minutos Raí marcou, e levou a decisão para os pênaltis



1.ª Libertadores a gente não esquece

EDITORIAIS

Talento e muito mais

Talento, gols e raça. Com esses três ingredientes, bem distribuídos, se faz um campeão. Quando é Telê Santana encarregado de dosar esses itens, então não há dúvida que a equipe será uma máquina de arrebatar troféus. Assim é o São Paulo, que nos últimos três anos não tem deixado pairar qualquer suspeita de que é o melhor time do Brasil e um dos melhores do mundo.

Se Telê deve ser enaltecido pelo trabalho sério que realiza, não devemos esquecer quem está dentro do gramado. Na Libertadores, Zetti provou que está na plenitude de sua forma. Reflexos apuradíssimos, serenidade e voz ativa com a zaga, fazem dele e o melhor da posição no Brasil.

A zaga tricolor mistura técnica e força física. A técnica fica a cargo de Válber e, em me-

nor escala, de Ronaldo Luís e Gilmar, que vem substituindo com maestria o avantajado Ronaldo. A força fica por conta do próprio titular da quartazaga e do lateral direito Vitor.

A raça é representada pela dupla de médios-volantes. Pintado e Dinho são verdadeiros cães de guarda da defesa tricolor. Sem eles não seriam possíveis as subidas dos dois laterais, e muito menos do central Válber, e sem isso o São Paulo perderia muito do seu poder ofensivo.

Depois vêm Raí, Palhinha, Cafu e Müller. São os jogadores encarregados de desequilibrar a partida quando as coisas não andam bem. No modo de jogar desses quatro atletas está a grande obra de 'Mestre' Telê. Com exceção de Müller, esses jogadores armam e concluem com a mesma habilidade.

O adeus de Raí

No jogo contra o Corinthians, pelas semifinais do Campeonato Paulista, Raí marcou seu centésimo gol com a camisa do Tricolor ao passar pelo zagueiro Henrique e mandar a bola para o fundo das redes de Ronaldo. Foi um dos últimos gols do craque da camisa 10, que antes de ir para o Paris Saint German ainda brindou a torcida são-paulina com a conquista do bicampeonato da Taça Libertadores da América.

Se nos últimos seis meses de Morumbi, Raí não foi aquele jogador que os são-paulinos estavam acostumados a ver em 1992, é inegável a importância dele dentro do elenco. Com seu espírito de liderança, o camisa 10 foi o ponto de equilíbrio do São Paulo tanto na Libertadores da América quanto no Campeonato Paulista. Mesmo que não consiga levantar o ca-

neco de campeão paulista pela quarta vez (foi campeão em 89, 91 e 92) Raí já fechou com chave de ouro sua passagem de cinco anos pelo Morumbi.

A partir de junho, só resta a torcida são-paulina recordar os bons momentos que o maior craque em atividade do futebol brasileiro trouxe para o São Paulo. Não vão faltar cenas de alegria, raça e muita emoção para deixar os tricolores com saudades. Mas os são-paulinos sabem que se um craque está indo embora, o São Paulo continua com a sua magnitude e saberá como arrumar um outro craque atleta para o lugar da camisa 10 campeão mundial e bicampeão da Libertadores. Resta agora saber quem será esse substituto. Nomes os são-paulinos têm na ponta da língua: Palhinha ou Dener.

Jejum de quatro meses

"Eu já não agüento mais esse jejum de títulos. Já faz quatro meses que o São Paulo não conquista nada". Essa frase é de um torcedor são-paulino que trabalha na FOLHA DO ESPORTE ironizando seus colegas Palmeirenses, corinthianos e santistas algumas horas antes do jogo decisivo entre o São Paulo e o Universidad Católica. Passada a decisão nosso companheiro já tinha deixado a agonia de lado e saltava comemorando mais um caneco arrebatado pela equipe comandada pelo experiente 'Mestre Telê Santana'.

Para os torcedores dos outros clubes está sendo insuportável agüentar a 'tiração de sarro'. Problema deles, quem mandou escolher não ficar do lado da melhor equipe do mundo. Os mais espertos, sem dúvida, optaram pelo Tricolor, afi-

nal como disse o radialista Milton Neves "torcer pelo São Paulo é uma grande moleza" e isso pode ser confirmado pelos títulos que o time de Telê conquistou nos últimos três anos: Bicampeão Paulista 91/92, Campeão Brasileiro 91, Bicampeão da Libertadores 92/93 e campeão Mundial 92, além dos torneos Ramon de Carranza, Tereza Herrera e Cidade de Santiago.

Se esse ritmo persistir, a nação são-paulina daqui há alguns anos poderá estar se equiparando numericamente à torcida corinthiana. Nos últimos anos o que se verificou foi uma ascensão meteórica do número de aficionados tricolores. Tanto que pesquisa realizada no ano passado mostrou que, pelo menos na capital paulista, a quantidade de são-paulinos já é maior que a de Palmeirenses.

O que foi mais emocionante? Ver Zetti defendendo o pênalti de Gamboa na última cobrança dos argentinos do Newell's Old Boys e garantindo o título da Libertadores de 1992. Ou ver Müller fazer um gol de cobertura no goleiro, Wirth, anotando no placar São Paulo 5 a 0 sobre o Universidad Católica, do Chile — depois os chilenos fariam seu gol de honra — garantindo, praticamente, o bicampeonato do continente? A resposta é difícil, principalmente porque são duas situações muito distintas. Agora os torcedores do Tricolor são só alegria, enquanto que na Libertadores passada, antes da alegria, o são-paulino quase teve um ataque do coração.

Naquela decisão, o Tricolor precisava da vitória por 2 a 0 sem ter que partir para a cobrança de pênalti. Os comandados de Telê tinham perdido para o Newell's pela contagem mínima uma semana antes, gol de Berizzo (de pênalti), no Monumental de Rosario, Argentina. O time argentino veio armado como todos esperavam: retrancado e partindo em perigosos contra-ataques. A Comissão Técnica tricolor sabia que o jogo seria dos mais difíceis e cercou seus jogadores de toda tranquilidade possível. A concentração do São Paulo ficou fechada para todo mundo, artistas, jornalistas e



Esse é o time que ganhou o título da Taça do ano passado, ao vencer dos argentinos nas cobranças de pênaltis

até mesmo para o presidente Pimenta.

O Morumbi foi tomado por mais de 100 mil pessoas que vieram ao primeiro tempo acabar em 0 a 0. Na segunda etapa, o panorama não mudou. A torcida, então começou a pedir a entrada de Macedo. O atacante, que atualmente está emprestado ao Tenerife, da Espanha, substituiu Müller, que já havia perdido várias chances de gol. O destino ajudou Macedo a

se tornar um dos heróis da partida. Logo após entrar, ele sofreu o pênalti. Aos 22 minutos, Raí converteu e já garantia a decisão nos pênaltis.

Até nas cobranças de pênaltis, o Tricolor mostrou que é diferente das outras equipes. Ao invés de seguir o ditado do meio futebolístico, que diz que esse tipo de decisão é uma loteria, o São Paulo acreditou no planejamento. O preparador de goleiros e olhei-

ro tricolor, Waldir de Moraes, já havia analisado como os argentinos cobravam as penalidades. Com as orientações passadas por Waldir, Müller se posicionou atrás do gol e a cada cobrança do Newell's dava as dicas para o goleiro são-paulino. Depois de Zetti garantir o título a comemoração atravessou a noite, apesar de ser quarta-feira. O Tricolor encerrava sua participação com oito vitórias, três empates, três derrotas, 20 gols pró e nove contra.

Time põe abaixo os recordes da Taça

O São Paulo reservou a década de 90 para quebrar recordes. Só por conta de sua participação na Taça Libertadores da América deste ano, o Tricolor igualou o Santos em quantidade de títulos — são os dois únicos times brasileiros bicampeões —, se tornou o clube nacional que mais vezes participou da competição — sete vezes — e também a que mais disputou finais, superando até mesmo o Peixe. O time do Morumbi decidiu o título em 1974, 1992 e 1993 e a equipe da Vila somente

em 62 e 63. A primeira vez que o São Paulo participou da final da Libertadores, faltou muito pouco para ficar com o caneco. A semifinal da competição, naquela época, era um triangular. O Tricolor enfrentou o Millonarios (Colômbia) e o Defensor (Uruguai). Nos jogos fora de casa empatou em 0 a 0 com os colombianos e venceu os uruguayos por 1 a 0. No Morumbi deu um verdadeiro show nos dois adversários e os venceu pelo mesmo placar: 4 a 0. O adversário na

final foi um tradicional papão de títulos — já tinha vencido quatro Libertadores — o Independiente da Argentina. O Tricolor venceu a primeira partida, no Morumbi, por 2 a 1. No segundo jogo, realizado em Buenos Aires, os argentinos derrotaram o São Paulo por 2 a 0. Na partida extra, o time do Morumbi foi derrotado por 1 a 0. O saldo da campanha tricolor daquele ano foram oito vitórias, três empates, duas derrotas, 25 gols pró e nove contra.

Além dessa e das conquistas de 1992 e deste ano, o São Paulo esteve presente nas Libertadores de 1972, 1978, 1982 e 1987. Destas a melhor participação aconteceu em 1972, justamente quando estreava na competição. Neste ano, a equipe do Morumbi chegou às semifinais, sendo eliminado pelo mesmo Independiente que lhe tiraria o título dois anos depois. Nas outras três oportunidades o Tricolor não passou da primeira fase, apesar de ter saído invicto da competição em 1978.

Palhinha: de Minas para Tóquio

A única coisa que se sabia de Palhinha no início de 1992, quando ele chegou no Morumbi, era que tinha nome de craque e havia sido considerado uma das revelações do Campeonato Mineiro, atuando pelo América. Hoje o Tricolor não admite perder o jogador, e ele quer permanecer no Tricolor. Essa lua-de-mel começou a nascer justamente na Taça Libertadores da América de 1992, quando o camisa 9, foi o artilheiro da competição.

Ao contrário do que acontece esse ano, Palhinha foi um matador na edição da Libertadores. Atuando de forma diferente do que vem fazendo em 1993, o atacante fez sete dos 20 gols tricolores. É pura coincidência, mas parece que Palhinha tem alguma predileção por balançar as redes bolivianas, em especial as do San Jose. Contra essa equipe, adversária na primeira fase, os resultados obtidos pelo São Paulo foram uma vitória por 3 a 0, na Bolívia, e um empate em 1 a 1, no Morumbi. Os quatro gols marcados pela equipe de Telê Santana foram convertidos por Palhinha.

A partir das oitavas-de-final, os gols de Palhinha começaram a escassear, apesar de não pararem. O atacante voltaria a marcar somente nas quartas-de-final, novamente contra o Criciúma, só que desta vez em Santa Catarina. O gol de Palhinha, aos 8 minutos do segundo tempo, praticamente garantiu a classificação tricolor. O São Paulo havia vencido no Morumbi por 1 a 0 e perdia a segunda partida pelo mesmo placar. Se não fosse o gol de Palhinha a vaga para as semifinais seria decidida nos pênaltis. O sétimo e último gol do mineiro foi contra o Barcelona, nas semifinais, no jogo em que o São Paulo venceu por 3 a 0, no Morumbi.



Palhinha é, atualmente, um dos mais modernos jogadores do futebol brasileiro pelo talento e velocidade

A CAMPANHA DE 1992					
PRIMEIRA FASE		QUARTAS-DE-FINAL			
CRICIÚMA	3 X 0	SÃO PAULO	SÃO PAULO	1 X 0	CRICIÚMA
SAN JOSÉ (BOL)	0 X 3	SÃO PAULO	CRICIÚMA	1 X 1	SÃO PAULO
BOLIVAR (BOL)	1 X 1	SÃO PAULO	SEMIFINAIS		
SÃO PAULO	1 X 1	SAN JOSÉ (BOL)	SÃO PAULO	3 X 0	BARCELONA (EQU)
SÃO PAULO	2 X 0	BOLIVAR (BOL)	BARCELONA (EQU)	2 X 0	SÃO PAULO
SÃO PAULO	4 X 0	CRICIÚMA	FINAIS		
OITAVAS-DE-FINAL		NEWELL'S (ARG)	1 X 0	SÃO PAULO	
NACIONAL (URU)	0 X 1	SÃO PAULO	SÃO PAULO	1 X 0	NEWELL'S (ARG)
SÃO PAULO	2 X 0	NACIONAL (URU)	(NOS PÊNALTIS, SÃO PAULO 3 X 2)		

Empresa Jornalística Folha Dirigida Ltda.
CGC 31.944.762/0001-72 • Inscr. 83608463
Rua do Senado, 229, telefones (021) 221-1696 e 252-4557 CEP 20 031-020
Telex: 21-39901 • Fax: (021) 240-9474 • Tel: 220-6185
Sucursal São Paulo: Rua 7 de Abril, 230, 1º A - BL. B
Fone: (011) 37-6746 - Fax: (011) 231-1193

FOLHA DO ESPORTE
Diretor Responsável: Adolfo Martins
Diretor Executivo: Manoel Cordeiro
Diretor de Marketing: Arnaldo Martins
Diretora Financeira: Marizete Ribeiro
Diretor de Redação: Roberto Ricão
Diretor de Sucursal: Maurício Ferrnando
Reportagem: Antonio Leria e Flávio Ficarelli
Colaboradoras: Helenita Natário e Graciela de Andrade
Diagramação: Cláudio Mafra

Anuncie na
FOLHA DO ESPORTE
Fone: 240-7292

CARTAS

Torcedor cobra Zetti na Seleção

Eu não entendo o técnico da Seleção Brasileira Carlos Alberto Parreira. O Zetti tem provado a cada partida que merece ser titular do Brasil nas eliminatórias para a Copa. É só ver o teipe do jogo contra a Universidad Católica. Ele pegou tudo na primeira partida válida pelo título da Libertadores. Não dá para entender.

José Luiz Roberto Itaim Paulista - SP.

Esse festejou antes

Amigos são-paulinos, mais uma vez estamos diante de uma final da Taça Libertadores da América. E, como amante do futebol que sou, acho que, o que era um sonho no ano passado, hoje é uma meta. Para mim o São Paulo é campeão antes de disputar a partida no Chile, porque um time para fazer três gols no Tricolor vai levar, no mínimo, dois. Por esse motivo me considero bicampeão da América do

Sul. Meu grande sonho é que o Milan passe pelo Olimpique de Marselhe para poder ver o meu amado São Paulo se defrontar contra a equipe italiana em Tóquio. Depois dessa partida é que o mundo terá absoluta certeza de quem é a melhor equipe do mundo. Eu quero o Milan.

Marco Antônio Rosa Brito São Miguel Paulista - São Paulo - SP.

A melhor decisão de todos tempos

Depois que o São Paulo venceu o primeiro jogo da final da Libertadores em casa, não tenho mais dúvidas que o Tricolor é campeão. Vamos a Tóquio pela segunda vez e torço para que nosso adversário nessa final seja o Milan. Eu quero ver o time italiano vencer o meu Tricolor. Além do mais acredito que será a melhor decisão de mundial de todos os tempos.

Vitor Ursolini Ipiranga - São Paulo - SP.



No jogo de ida diante dos chilenos, ele fez quatro defesas seguidas que empolgaram os torcedores. E mostrou durante toda competição muita segurança.

Ninguém discute que hoje em dia ele é o goleiro mais completo do país. E os tricolores só lamentam que a preferência para titular é Taffarel

3

Zetti foi uma muralha na Libertadores

O camisa número um do Tricolor, Armelino Donizete Quagliato, conhecido por Zetti nos quatro cantos do planeta, nasceu na modesta Capivari, interior de São Paulo. E de lá despontou para o futebol, sendo considerado um dos maiores goleiros da atualidade. E não é para menos. Com 28 anos, Zetti, entre outros títulos, possui o de Campeão Mundial Interclubes, em Tóquio no ano passado e agora é bi da Taça Libertadores da América.

Determinação e muito profissionalismo foram algumas das qualidades que o auxiliaram ajudando o São Paulo na conquista de mais um título. Os são-paulinos que acompanharam os jogos da Libertadores, não cansaram de assistir às brilhantes defesas, e certamente ele foi motivo de muito desgosto para os atacantes dos dois times adversários.

Zetti é um goleiro próximo da perfeição, tanto nas saídas do gol, quanto embaixo das travessas. "Procuro fi-

car bem atento os 90 minutos, o que me obriga a estar sempre bem colocado e pronto para qualquer eventualidade", explica o craque.

O goleiro iniciou a carreira em 1980, no Guarani, onde permaneceu até 1983. Depois, jogou no Palmeiras por sete anos (de 1983 a 1990). No ano de 1985, no entanto, não renovou com o Palmeiras e jogou por duas equipes do Paraná: Toledo e Londrina. Quando retornou ao Parque Antártica manteve uma invencibilidade de 13 jogos sem tomar gols (1.238 minutos), marca que só foi interrompida pelo zagueiro Luiz Pereira, num jogo contra o Santo André, no estádio Bruno José Daniel.

Apesar de considerar o futebol a coisa mais importante na sua vida, Zetti acredita que o esporte deve caminhar paralelamente à vida pessoal. "Um fator depende do outro, estando bem fora do campo, obviamente você vai render muito mais", afirma.



Zetti foi um dos responsáveis pelo bi da Libertadores. Ele passa por uma ótima fase técnica e mostrou sempre ser muito seguro

Vítor: talento e vigor na lateral

No time principal do São Paulo desde setembro do ano passado, Claudemir Vítor hoje é uma das estrelas essenciais do time de Telê Santana. Ele atuava nas categorias inferiores e a grande chance de mostrar todo o potencial foi quando Cafu se contundiu e Vítor entrou para a equipe titular para substituí-lo. Uma vez escalado para o time principal nunca mais saiu e atualmente é presença garantida em qualquer partida.

Com 20 anos de idade, 1,78m e aproximadamente 70 quilos, Vítor é mais um dos inúmeros talentos descobertos nas categorias inferiores do Tricolor. O início da carreira foi no Dente-de-Leite da Ponte Preta no ano de 1985. Não demorou muito para que o arquimigo da Ponte, o Guarani, o descobrisse, contando com o atleta até 1988.

No Tricolor começou no time de aspirantes nesse mesmo ano, 1988. Dois anos depois foi vice-campeão nessa equipe. Em 1991

conquistou o título paulista e brasileiro. A integração no principal só veio mesmo em setembro de 92 para substituir o então contundido Cafu.

Vítor é um dos melhores exemplos de um lateral moderno, que além de atuar na lateral-direita, ataca, usando da velocidade que lhe é característica. Além dessa posição o jogador já atuou no meio-de-campo e ponta. No entanto, prefere jogar na lateral, onde demonstra toda a sua habilidade. Considera os lançamentos como a melhor qualidade enquanto jogador.

Nascido na pequena cidade de Mogi-Guaçu, interior de São Paulo, Vítor teve a primeira oportunidade de jogar pela Seleção Brasileira em dezembro do ano passado, no dia 25, em Campina Grande, Paraíba, numa partida contra o Uruguai. Para esse mesmo jogo foram convocados um total de oito jogadores do São Paulo.

Gilmar também é made in Morumbi

O São Paulo é uma máquina de fazer atleta. Devido aos grandes incentivos que dá às categorias inferiores, pode contar, a cada ano que passa, com um grande número de jogadores de excelente nível técnico para integrar a equipe principal. Vários dos atuais integrantes do Tricolor foram made in Morumbi. Talentos como Vítor, André, Claudio, Cafu e Gilmar, entre outros, foram frutos desse trabalho de base.

Em 1987, juntamente com Cafu, chegava no Morumbi o jovem Gilmar Jorge dos Santos, então com 17 anos. Antes de se apresentar no São Paulo, ele atuava na Terceira Divisão Paulista, jogando no Itaquaquecetuba Clube. No início da carreira, no entanto, atuou no futsal representando a equipe do Banespa da capital.

O começo significou algumas abstenções para Gilmar e este teve que enfrentar algumas dificuldades para conseguir chegar até onde está agora. O jogador mora em Itapeerica da Serra, que fica a 33 quilômetros a Sudoeste da capital paulista, e tinha que sair de madrugada para chegar no horário certo para participar dos

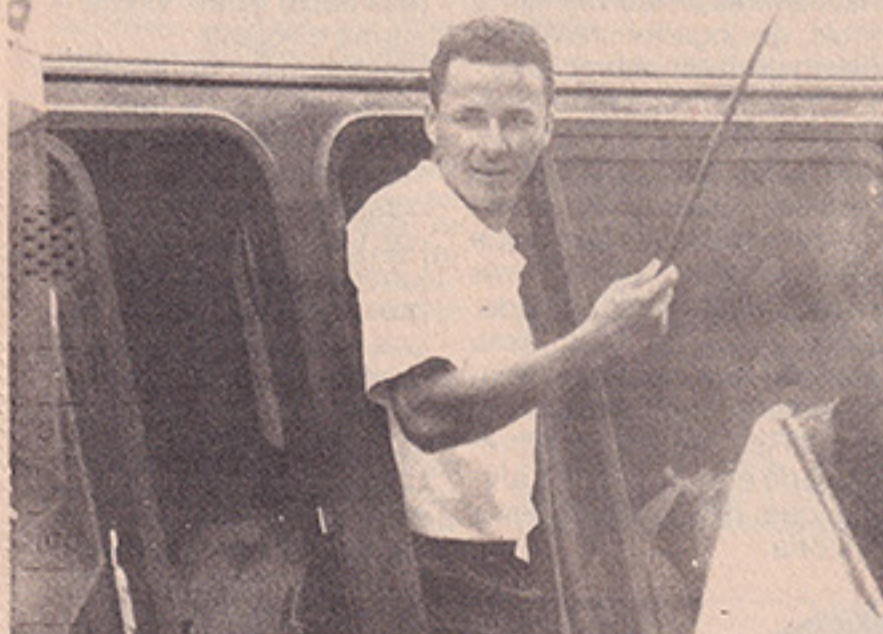


Gilmar, que fez um gol no jogo de ida da decisão, é cração

treinos do São Paulo.

"Saía de casa às 4h30min e era duro ficar acordado com o chacoalhar do trem", lembra. A chance, para o jogador, de integrar o time principal do Tricolor, veio na hora certa e é motivo de muito orgulho para o craque. Uma das melhores coisas, que procura aproveitar o máximo que pode, é desfrutar da experiência de seus companheiros de equipe, aprendizado que não dispensa, de forma alguma. "Estou aqui para colaborar e vou tentar aproveitar da melhor maneira possível essa oportunidade que me deram", garante Gilmar.

O quarto-zagueiro são-paulino não tem mesmo nenhum motivo para estar descontente em relação à carreira. O semestre ainda nem acabou e já possui dois títulos conquistados esse ano. O primeiro, obtido em janeiro através da Taça Cidade de Santiago (no Chile), e o outro, que sem sombras de dúvida ele deve estar muito orgulhoso é a Taça Libertadores da América, conseguido na última quarta-feira, dia 26 de maio, no jogo disputado contra a Universidad Católica, do Chile.



Válber se firmou como zagueiro e é uma segurança no time

Válber: coringa que sabe tudo de futebol

Após excelentes atuações pelo Botafogo, o carioca Válber Roel de Oliveira, 25 anos, foi contratado pelo São Paulo em setembro do ano passado. Zagueiro perspicaz, Válber já jogou em várias posições com a camisa Tricolor, além da zaga. Atuou como lateral e até substituiu Toninho Cerezo no meio-de-campo. "Meu negócio é jogar", declara o jogador.

Além de toda essa polivalência, Válber tem como principal característica o ataque. Mesmo sendo encarregado da defesa do gol, nesse sentido é comparado ao ex-zagueiro são-paulino Antônio Carlos, atualmente no Palmeiras.

Válber começou a carreira como jogador profissional no time carioca do São Cristóvão. O zagueiro passou a chamar atenção dos grandes clubes pelo futebol moderno que apresenta, no começo de 1989. Dois anos depois, foi contratado pelo Fluminense e, antes de ir jogar no Tricolor, atuou no Botafogo.

Válber já participou da Seleção Brasileira. Sua primeira partida foi contra a Seleção da Finlândia, depois contra o Uruguai, em Montevidéu. Jogou com a camisa canarinho no Torneio da Amizade, realizado nos Estados Unidos, onde o Brasil se sagrou campeão. O zagueiro confia na sua atuação para ajudar o país a passar pelas eliminatórias da Copa de 94.

Ronaldo Luís salvou o time na hora certa

Pouco depois de chegar ao Morumbi, Ronaldo Luís não poderia ser considerado exatamente um símbolo da sorte. Afinal ele começava a ganhar a confiança do técnico Telê Santana, mas se contundiu ficando um bom tempo no estaleiro. Quando voltou acabou tendo que amargar a reserva, voltando à equipe titular depois que Ivan foi negociado com o futebol espanhol. O lateral acabou se tornando peça fundamental do time de Telê. Que o diga o goleiro Zetti. Mineiro de Belo Horizonte, Ronaldo Luís tem 26 anos, 1,77m e pesa 67 quilos. Revelado pelo América de Minas Gerais, o lateral-esquerdo veio para o São Paulo junto com Palhinha, outro jogador revelado no clube belorizontino. Quando o São Paulo foi campeão da Libertadores pela primeira vez, Ronaldo Luís jogou três partidas. Em duas delas não entrou como titular, substituindo Ronaldo (na vitória sobre o Nacional por 2 a 0) e Rinaldo (no empate em 1 a 1 com o Criciúma em Santa Catarina).

Depois veio a contusão. Para sorte dos são-paulinos Telê acompanhou a recuperação do lateral-esquerdo e quando ele

estava novamente em condições colocou-o no time titular. A presença do jogador na partida contra o Barcelona, na final do mundial, foi decisiva. O lateral tirou uma bola em cima da linha em gol certo do Barcelona. Essa jogada acabou se tornando uma marca registrada dele já que na final contra o Palmeiras fez a mesma coisa.

A última vez que salvou o Tricolor foi na Libertadores, no jogo contra o Cerro Porteño, no Paraguai. O time da casa era só pressão e o Tricolor se defendia como podia. Houve um escanteio, e a bola passou pelo goleiro Zetti após o cabeceio do atacante paraguaio. A bola tinha como endereço o fundo das redes tricolores. Tinha, porque lá estava "são" Ronaldo Luís. "Nós treinamos muito o posicionamento em escanteios, por isso o mérito não é só meu em tirar essas bolas", diz o lateral. Desde que chegou ao Morumbi o jogador já ganhou um título paulista, vários torneios internacionais, o campeonato do mundo e agora o bi da Libertadores. Em pouco mais de um ano o lateral já levantou mais canecos do que muitos jogadores consagrados durante toda a carreira.



Ronaldão reserva

Durante muito tempo, Ronaldão foi titular absoluto. Mas se machucou e deu chance a que Gilmar ficasse no seu lugar. Mas também merece elogios

Torcedor. Lembre que futebol é alegria. Vá ao estádio para torcer

4

Dos seus pés, sempre nasceram as principais jogadas do time. Jogador cerebral, rápido, fez gols e ajudou a equipe a ganhar muitos jogos

Em alguns momentos da competição, sua presença em campo foi até muito mais importante do que a do capitão Raí. Ele joga um futebol moderníssimo



Palhinha: a lucidez e talento são marcas

Aos 25 anos, José Ferreira da Silva, mais conhecido como Palhinha, conseguiu realizar pelo menos um de seus sonhos: manter a Taça Libertadores da América no Morumbi. Com 1m77 e aproximadamente 65 quilos, Palhinha é dos jogadores mais rápidos do time, o que o ajudou a criar várias jogadas de gol durante as partidas da Libertadores.

Considerado um dos cérebros da equipe, Palhinha é ágil em penetrar na área inimiga, e com o raciocínio lógico dos grandes jogadores sempre acha um jeito de decidir as partidas. Tanta rapidez e agilidade ele garante que faz parte do esquema tático de Telê e segue suas orientações para "não prender a bola".

Palhinha começou a jogar com oito anos, na sua cidade natal, Carangola, em Minas Gerais. No princípio atuava no futebol de salão e através de uma olimpíada colegial, em 1975, onde conquistou a artilharia com 13 gols, deu o pontapé inicial para a carreira de jogador. Atuou até agora em apenas três clubes: o Venda Nova, de Belo Horizonte, América Mineiro e São Paulo.

Pode-se dizer que Palhinha foi um dos jogadores que mais sofreu nas partidas da Libertadores da América. Numa dos jogos contra o Newell's Old Boys perdeu seis quilos. Fato que obrigou a maiores cuidados ao craque, que necessita de um maior tempo para descansar e uma dieta melhor organizada. "Devido a facilidade que tenho em perder peso, sou obrigado a comer mais", explica o jogador.

Quase todas as jogadas de Palhinha resultam em gols, ou, pelo menos, em arremates que exigem uma boa defesa por parte dos goleiros. O craque tem um grande orgulho de jogar no São Paulo e considera um dos maiores momentos de sua carreira, principalmente por ter saído de um pequeno time de Minas Gerais.

Por ironia do destino, um dos grandes ídolos da torcida são-paulina foi apelidado por um torcedor corinthiano. Quando atuava no Venda Nova, há 16 anos, o treinador dos meninos gostava de colocar apelidos para homenagear o time corinthiano. "Como eu usava o cabelo curto como o ídolo da Fiel, o técnico começou a me chamar de Palhinha", lembra.



Pintado é o cão de guarda

Bragantino de 28 anos, Luis Carlos de Oliveira Preto, o Pintado, como é conhecido devido a uma mancha no lábio inferior, foi um dos jogadores que ajudaram o Tricolor na conquista deste bicampeonato na Taça Libertadores da América. No São Paulo está desde 1984, e hoje é considerado uma peça indispensável no esquema tático de Telê Santana. Aos sete anos só jogava em clubes amadores para poder "brincar", como ele mesmo explica. "Era uma coisa que já estava no sangue", afirma com convicção. Com 14, foi para o Bragantino, por intermédio de Flávio, ex-goleiro do Corinthians, que o viu jogar e o encaminhou para o time juvenil da cidade.

Atuando como volante do time, Pintado é encarregado de barrar a defesa adversária, mas nem sempre atuou nessa posição. No início de carreira, era lateral-direito, chegando até a ser zagueiro, quando jogava pelo Bragantino. O técnico Carlos Alberto Parreira foi quem descobriu a melhor posição para o jogador. Exercendo uma função que nem sempre aparece para a torcida, Pintado é o carregador de plano da equipe. Responsável pela defesa e cobertura dos laterais e zagueiros, impedindo que o ataque adversário surpreenda o São Paulo.

— Estou consciente que minha função é defender e procuro me aprimorar. Sei que a torcida reconheceu meu trabalho e o valor dele dentro do campo. Procuro ouvir o que Telê sempre me fala, para não me preocupar, porque meu negócio não é fazer gols, mas deixar minha marca — afirma o volante.

Pintado, além de assegurar várias vitórias do time, garantiu empates importantes para a classificação do Tricolor nas várias fases da Libertadores. Ao lado do goleiro Zetti foi uma das grandes figuras no jogo contra o Cerro Porteño, impedindo o andamento de várias jogadas perigosas. Considerado um dos maiores volantes da atualidade pela imprensa brasileira, Pintado revela um jeito tranquilo e leva uma vida sem muita agitação. Casado há seis anos, é pai de dois filhos. Quando não está nos treinos ou jogando pelo São Paulo, gosta de ouvir música e confessa sua predileção pelo rock.



Dinho às vezes também arrisca (com sucesso) seus chutes

Dinho é carregador de piano do Tricolor

No início do Campeonato Paulista de 1992, os torcedores do São Paulo, ainda um pouco anestesiados pela conquista da Taça Libertadores da América pela primeira vez, depararam com um novo jogador no elenco tricolor: Dinho. Batizado Edi Wilson José Santos, o sergipano, hoje com 26 anos, mostrou aos torcedores que seu futebol era muito maior que o nome e logo ganhou a camisa de titular da equipe de Telê Santana.

O jogador, de 1,77m e 71 quilos, contratado junto ao Sport de Recife, só perdeu a posição no segundo turno do Paulistão. Isso aconteceu porque para a sua vaga veio ninguém menos que o experiente Toninho Cerezo. Isso, no entanto, não abateu o jogador que chegou a jogar os minutos finais da partida que decidiu o título mundial contra o Barcelona, no dia 13 de dezembro, em Tóquio.

O início desse ano marcou a volta do sergipano para a equipe titular, infelizmente devido a uma contusão de Toninho Cerezo, que teve de ser submetido a uma cirurgia. Dinho voltou ao time e tranqüilizou a torcida tricolor mostrando um futebol eficiente, de muita raça e com doses homeopáticas de técnica que ajudaram muito na conquista do bi-

campeonato da Libertadores.

A importância tática do atleta, atuando como segundo volante da equipe, é transparente. Dinho tem a função, ao lado de Pintado, de ser o carregador de piano do time. O jogador faz a cobertura das constantes descidas ao ataque dos laterais Vítor e Ronaldo Luís, além do zagueiro Válber. Às vezes, ele ainda encontra tempo para ameaçar as defesas adversárias com tiros potentes.

Numa comparação com Pintado, o outro volante tricolor, Dinho parece perder no sentido de combatividade e aguerrimento. O sergipano, no entanto, tem qualidades que suprem essa diferença em relação ao companheiro. Dinho é mais técnico que o camisa 5, e tem um chute bastante potente, que pode decidir uma partida.

Um de seus sonhos Dinho já alcançou, ser campeão sul-americano, título que ainda não tinha já que na outra conquista ele ainda vestia a camisa da equipe rubro-negra de Pernambuco. O sergipano agora quer ser bicampeão mundial. Desta vez porém, ele pretende chegar a Tóquio como titular. Futebol para isso já provou que tem.

Cafú é a máquina mortífera

Tão rápido quando está com a bola que ninguém o detém. Esse é Marcos Evangelista de Moraes, de 22 anos e 1,72m de altura e aproximadamente 74 quilos. Quem ainda não identificou esse craque, tem mais uma chance, a origem de seu apelido é para homenagear o ex-ponta-direita do Flamengo, Cafuringa, da década de 60. Os mais fanáticos já devem ter descoberto: é Cafu, a máquina mortífera do Tricolor.

O aprendizado de usar o potencial, que é a ligeireza, deve ao "Mestre Telê Santana". Depois de algumas orientações do técnico surgiu no cenário do futebol brasileiro como um dos jogadores mais completos do Brasil. Iniciou a carreira no próprio Tricolor, no ano de 1990, quando a equipe era dirigida pelo técnico Carlos

Alberto Silva. Nessa época, era meio-campista, posição que iria trocar quando o time passou para os cuidados de Telê Santana. Aí, Cafu começou a jogar na lateral-direita. Hoje é meio-campista de novo.

De acordo com o preparador físico Moraci Santana Cafu (acredite se quiser) ainda não atingiu o seu limite anaeróbico. Esse índice, citado por Moraci, é de 18 quilômetros e atualmente o atacante corre "apenas" 17. "Mas ele tem se esforçado muito para atingir esses patamares", afirma o preparador.

A velocidade nos campos é um mérito que Cafu tem que dividir com Moraci, pois é graças a todo o trabalho realizado por esse preparador que o jogador consegue manter a forma. O meia corre durante toda a

partida e não demonstra sinal de cansaço.

Polivalente e presente em todas as partes do campo, Cafu irrita qualquer adversário, que tenta, sem sucesso, alcançá-lo nas suas arrancadas. Outras de suas qualidades enquanto jogador, são a persistência e determinação. Essas características lhe proporcionam o título de jogador mais moderno do futebol brasileiro.

Mesmo causando toda essa polêmica e comentários a seu favor, o dono da camisa 11 do São Paulo mantém a simplicidade que lhe é peculiar. E por ser uma pessoa muito descontraída, acha graça de toda essa atenção que desperta, principalmente dos boatos de que o Real Madrid está interessado em seu passe e afirma que desconhece essa história.



Garantia de fôlego

O preparador físico Moraci Santana consegue um verdadeiro milagre: condicionar o time para jogar dia sim e dia não. Haja fôlego

Torcedor. Diga não às brigas. Vá ao estádio, leve a sua bandeira e torça sem violência



Na atual Seleção de Carlos Alberto Parreira a filosofia é uma só: "o meu time é Raí e mais 10." Dos seus pés saem o que existe de mais fino

De malas prontas para o futebol francês, que, por destino será o adversário do São Paulo na decisão de Tóquio, ele já deixa saudades

5

Raí: o grande capitão está de saída

Raí Souza Vieira de Oliveira, 28 anos, nascido em Ribeirão Preto, localizado a Norte do Estado de São Paulo (319 km), em 15 de maio de 1965, é um dos maiores meio-campistas que o São Paulo já teve em seu elenco. Com 1,89 m e 87 quilos, o craque tricolor começou jogando pelo Botafogo de Ribeirão, mantendo a tradição da família Oliveira.

Isso porque o atleta é irmão do não menos famoso Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o **Doutor Sócrates**, cuja fama conseguiu ofuscar o jovem Raí no início da carreira. Tanto que no começo, ele preferia esconder o parentesco para que não o favorecessem em nada. Foi assim na "peneira" do Botafogo, onde só vieram a saber de suas origens somente quando vestiu a camisa do clube.

No entanto, essa fase 'modesta' passou logo, e o garoto que costumava bater bola no terreno próximo à sua casa trocou o chão de

terra batida pelo 'tapete' do Morumbi, local privilegiado que passou a ser palco de memoráveis apresentações. Era o ano de 87, e de lá para cá foram inúmeras apresentações com a camisa do 'Mais Querido', culminando com o gol 'mágico', durante o jogo decisivo contra o Barcelona, onde o camisa 10 em uma cobrança de falta magistral, deixou o goleiro Zubizarreta estático debaixo dos três paus.

Provando ser um predestinado, Raí quatro anos após a chegada ao Morumbi sagrou-se campeão paulista em 1987. Daí para frente só foram glórias, com o meio-campista conquistando a artilharia do Paulistão em 1991, marcando 20 gols. Veio 92, e as lãureas se sucedendo uma após a outra: Taça Libertadores da América, Torneios Ramon de Carranza e Tereza Herrera, Copa Toyota e Campeonato Paulista. Infelizmente o grande jogador está de malas prontas para a França, mas ficará para sempre no coração são-paulino.



Entra time e sai time e lá está Müller, o primeiro agachado da esquerda para a direita a mostrar a força Tricolor, bicampeão da Libertadores

André: mais um que foi feito em casa

O lateral-esquerdo de 18 anos, André Luís Moreira, é outro dos jogadores que foram "fabricados" pelo São Paulo. Apesar da pouca idade, o craque já consegue ser ressaltado numa equipe repleta de campeões como o Tricolor. Estreou no futebol há cinco anos no próprio clube do Morumbi, e o ingresso na equipe principal se deu este ano.

Os títulos são uma constante na curta carreira do jogador. Já foi campeão paulista infantil, juvenil e aspirante. Agora, no principal, conquistou a Taça Libertadores da América. É por isso, que o sucesso e reconhecimento do seu trabalho no clube, e o assédio natural dos fãs não o assustam, porque vê isso com a maior naturalidade. "É normal, mas eu não tiro os meus pés do chão", afirma.

No começo, André não era lateral, atuava na meia-esquerda e a troca de posições foi devido aos conse-

lhos do técnico dos aspirantes, Mário Araújo. Comparando as duas funções, ele acha que a atual exige mais preparo e treinamento. O maior sonho do jogador é ser escalado para jogar na Seleção Brasileira. Esse é o seu objetivo e pretende se esforçar ao máximo para alcançá-lo.

Tanto preparo e esforço para mostrar o melhor de si no Tricolor, e despertar atenções para uma futura convocação para a Seleção Brasileira fizeram com que o craque negligenciasse um pouco os estudos. O jogador não tem planos para essa área e, espera terminar o segundo grau, se a carreira como jogador assim o permitir. O jogador tem como hobbies a prática de outros esportes como andar de bicicleta e nadar, e quando não está jogando, treinando e se preparando para alguma partida gosta de gastar o seu tempo disponível ao lado da namorada.

Adilson é segurança no banco de reservas

Adilson José Pinto nascido no dia 6 de janeiro de 1965, na cidade Cruzeiro que fica a 210 quilômetros a Noroeste de São Paulo é um dos craques da taça Tricolor, que ajudou o time na conquista de mais uma Libertadores da América. Com 78 quilos, 1m78 e grande versatilidade, representa uma opção a mais para o esquema tático de Telê.

Além de jogar como zagueiro, Adilson demonstra muita naturalidade ao jogar fora de sua posição original. Como volante, por exemplo, atua sem comprometer, como aconteceu na Libertadores de 1992. E com essa característica mostra uma de suas melhores qualidades como jogador.

Entre outros clubes que já atuou, jogou pelo Flamengo. No São Paulo está há oito anos e de acordo com o atleta "seu trabalho é mais do que reconhecido no clube". Atuando pelo Tricolor obteve os seguintes títulos: Campeonato Brasileiro de 86 e 91, Paulista de

85, 87, 89, 91 e 92, Mundial Interclubes de 92 e Libertadores de 92 e 93. Do elenco atual do São Paulo é o jogador que mais vezes foi campeão.

Adilson renovou o contrato no início do mês de março, com duração até o dia 30 de julho, quando está previsto para terminar o Campeonato Paulista. O craque, no entanto, pretende ficar no Tricolor um tempo maior do que o estipulado no papel, para, quem sabe, conquistar também o bicampeonato mundial.

No momento, a maior preocupação de Adilson é mostrar todo o seu potencial no futebol. "Agora tenho um tempo a mais para apresentar um bom trabalho", declara. Recentemente vem se destacando no time e mostrando que sempre é necessário ter uma boa motivação para desenvolver uma atuação competente. Adilson disputa a posição de zagueiro com outros três jogadores: Ronaldo, Valber e Gilmar.

Müller: o atleta de Cristo que cresce nos momentos decisivos

O Atleta de Cristo, Luis Antônio Correa da Costa, o Müller, de 25 anos, é a grande arma do Tricolor nas horas das decisões. Muller tem seu nome gravado na história do São Paulo, sendo o sexto maior artilheiro do clube. Na Libertadores, entre outras façanhas, foi autor do primeiro gol do time contra o Flamengo, no jogo do Morumbi numa das mais importantes partidas da equipe nessa competição.

A origem do apelido Müller foi uma homenagem

que fizeram ao seu irmão, numa referência ao jogador da Seleção Alemã, das copas de 74 e 78. Nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o atacante tricolor iniciou a carreira no time juvenil do São Paulo em 1982. Dois anos mais tarde foi lançado na equipe principal, pelo técnico Cilinho.

Com tanto potencial de fogo, chamou a atenção de vários dirigentes de clubes do exterior. Em 1988, fecharia contrato com o Tori-

no, clube onde jogou por três anos. Em 1991 voltou para o Brasil e acertou o contrato com o Tricolor.

Dono de um currículo de fazer inveja a qualquer um, Müller é quatro vezes campeão paulista (85/87/91/92), tem dois títulos brasileiros (86/91), e Taça Libertadores da América de 91 e 92. E não pára por aí, foi Campeão do Mundo o ano passado, em Tóquio, Taça Cidade de Santiago, no início deste ano e

agora conquistou pela segunda vez, a Libertadores.

Já na Seleção Brasileira, esse craque obteve o primeiro título no Mundial de Futebol Júnior, na antiga União Soviética em 1985 sob a supervisão do técnico Gilson Nunes. Nessa competição Müller foi revelado ao mundo. Participou das Copas do Mundo do México e Itália. O atacante garante que na sua estante ainda há lugar para outra medalha de campeão do mundo.

Lula só lamenta a má sorte

"Não sei o que acontece. Cada vez que estou para me firmar na equipe titular ocorre alguma coisa". A frase, pronunciada entre lágrimas é do sergipano Luis Bonfim, de 26 anos, refletia bem o estado de espírito desse zagueiro, conhecido pela torcida são-paulina como Lula, quando teve de ser substituído por causa de uma confusão, na partida em que o Tricolor venceu o Newell's Old Boys por 4 a 0 no Morumbi.

Num time como o São Paulo, qualquer chance de ganhar uma vaga na equipe titular deve ser agarrada com unhas e dentes, porque se não, para surgir outra oportunidade a demora é grande. Lula sabe disso, por isso se descontrola tanto quando teve de ser trocado pelo jovem André. Depois dessa partida, o zagueiro não voltou mais ao time titular.

Lula foi contratado pelo São Paulo no ano passado, depois que o time conquistou pela primeira vez a Taça Libertadores da América. A diretoria são-paulina o escolheu como uma das opções para substituir o zagueiro Antônio Carlos, atualmente no Palmeiras, e que na época se transferiu para o Albacete da Espanha.

Dono de um estilo que faz lembrar mais o zagueiro Ronaldo do que Antônio Carlos, Lula foi contratado junto ao futebol português, onde atuava pela pequena equipe do Famalicão. Nunca conseguiu se firmar como dono da posição, mas toda vez que Telê Santana precisou de seu futebol eficiente e sério, o sergipano correspondeu.

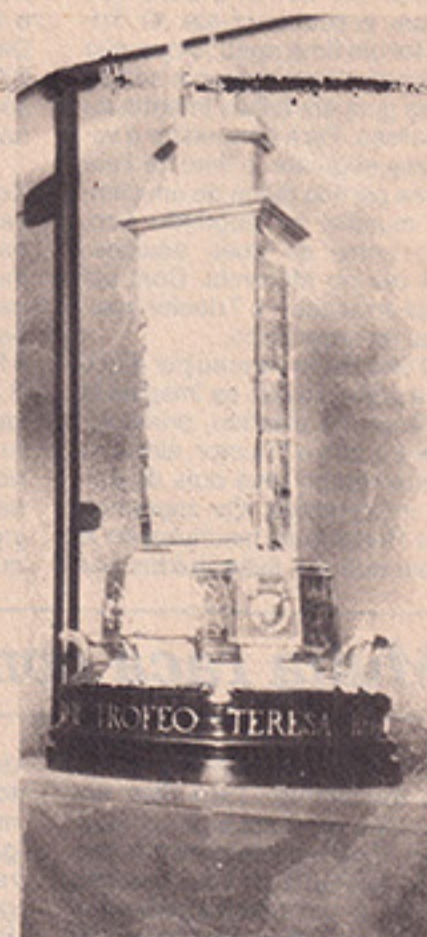
Pênalti decide Mundial

Desde 1980, quando a final do Mundial Interclubes passou a ser disputada no Japão, o título teve que ser decidido duas vezes com a cobrança de pênaltis. Não chega a ser um número elevado já que os campeões da Copa dos Campeões da Europa e da Libertadores, desde aquele ano, se defrontaram 12 vezes. A primeira vez que o caneco foi decidido na marca do cal aconteceu em 1985 e a segunda em 1988.

Na final de 1985, os europeus levaram a melhor. A decisão foi entre o Juventus, da Itália, e o Argentino Júnior. O tempo regulamentar e a prorrogação terminaram em igualdade de dois gols. Nos penais, os

italianos, que tinham em seu time o goleiro Zoff e ainda Scirea, Cabrini, Laudrup e Platini, converteram seis cobranças contra cinco dos argentinos.

Três anos depois, para decidir o título teria que se apelar novamente para os pênaltis. O campeão da Libertadores era o Nacional, do Uruguai, e o representante do Velho Continente era o PSV Eindhoven. Nos 90 minutos somados a prorrogação, a partida ficou no 1 a 1. Desta vez, porém, quem saiu carregando o caneco foram os sul-americanos. O Nacional, que tinha um grande conhecido do futebol brasileiro, o zagueiro Hugo De Leon, venceu por 9 a 8.



Tereza Herrera ganha em 92

As finais da Libertadores

Ano	Campeão	Vice	Resultado
1960	Peñarol	Olimpia	1x0 1x1
1961	Peñarol	Palmeiras	1x0 1x1
1962	Santos	Peñarol	2x1 2x3 3x0
1963	Santos	Boca Juniors	3x2 2x1
1964	Independiente	Nacional	0x0 1x0
1965	Independiente	Peñarol	1x0 1x3 4x1
1966	Peñarol	River Plate	2x0 2x3 4x2
1967	Racing Clube	Nacional	0x0 0x0 1x0
1968	Estudiantes	Palmeiras	2x1 1x3 2x0
1969	Estudiantes	Nacional	1x0 2x1
1970	Estudiantes	Peñarol	1x0 0x0
1971	Nacional	Estudiantes	1x0 0x1 2x0
1972	Independiente	Universiario	0x0 2x1
1973	Independiente	Colo Colo	1x1 0x0 2x1
1974	Independiente	São Paulo	1x2 2x0 2x1
1975	Independiente	União Espanhola	0x1 3x1 2x0
1976	Cruzeiro	River Plate	4x1 1x2 3x2
1977	Boca Juniors	Cruzeiro	1x0 0x1 0x0 (5x4 nos pênaltis)
1978	Boca Juniors	Desportivo	0x0 4x0
1979	Olimpia	Nacional	2x0 0x0
1980	Nacional	Internacional	0x0 1x0
1981	Flamengo	Cobrellos	2x1 0x1 2x0
1982	Peñarol	Cobrellos	0x0 0x1
1983	Grêmio	Peñarol	1x1 3x0
1984	Independiente	Grêmio	1x0 0x0
1985	Argentinos Jr.	América Cali	1x0 0x1 1x1 (5x4 nos pênaltis)
1986	River Plate	América Cali	2x1 1x0
1987	Peñarol	América	0x2 2x1 1x0
1988	Nacional	Newell's	0x1 3x0
1989	Nacional	Olimpia	0x2 2x0 (5x4 nos pênaltis)
1990	Olimpia	Barcelona	2x0 1x1
1991	Colo Colo	Olimpia	0x0 3x0
1992	São Paulo	Newell's	0x1 1x0 (3x2 nos pênaltis)
1993	São Paulo	U. Católica	5x1 0x2

Títulos desde 90

CAMPEONATO PAULISTA
1980 — 1981 — 1985 — 1987 — 1989 — 1991 — 1992

CAMPEONATO BRASILEIRO
1986 — 1991

TORNEIOS INTERNACIONAIS

Torneio de Verão (Flórida) — 1982
Torneio Quadrangular (México) — 1989
Torneio da Amizade (Chile) — 1990
Copa Solidariedade Leon (México) — 1990
Copa Cidade de Barcelona (Espanha) — 1991
Taça Tereza Herrera (Espanha) — 1992
Troféu Ramon de Carranza (Espanha) — 1992
Libertadores da América — 1992/93
Mundial Interclubes (Japão) — 1992

6

O time mostrou força quando foi preciso e passou por cima de todos os adversários sem perdão. Na hora de decidir, tinha o esquema certo

Quando todos pensavam que fosse sucumbir diante do Newell's, o time deu a volta por cima e fez uma belíssima partida no Morumbi



Qualidades de um indiscutível campeão

Antes de enfrentar o Universidad Católica pelas finais da Taça Libertadores da América, o São Paulo já havia mostrado que tem todos os ingredientes que fazem de um time um campeão. Os comandados de Telê Santana foram verdadeiros carrascos quando precisaram, jogaram de forma equilibrada e talentosa quando assim foi necessário e colocaram os corações nas chuteiras assim que foi preciso. Por todas essas qualidades não havia como o título escapar do Tricolor.

Duas coincidências marcaram a estréia do São Paulo na libertadores desse ano. A primeira foi o fato de ter que enfrentar o mesmo adversário com quem decidiu o título no ano anterior: o Newell's Old Boys e a segunda o fato de ter perdido o primeiro jogo. Em 1992 o Tricolor iniciou a caminhada rumo ao título sul-americano e depois o mundial, com uma derrota para o Criciúma, de Santa Catarina, por 3 a 0. Na última edição da competição, o time de Telê foi derrotado por 2 a 0 pelos argentinos.

Depois dessa derrota para o Newell's o São Paulo seguiu invicto até as finais. Sem contar os jogos da decisão, o Tricolor fez seis partidas, vencendo três, empatando duas e tendo como única derrota a da estréia. A equipe de Telê Santana balançou as redes adver-

sárias oito vezes, enquanto Zetti foi vazado apenas três. Destaques não faltaram ao time capão do mundo durante a caminhada para o final da Taça Libertadores da América. A cada partida era um jogador que desequilibrava.

Um craque que apresentou um futebol muito superior ao do ano passado foi o meia Palhinha. Ao contrário da edição passada da Libertadores, na deste ano, o mineiro não é o matador e sim o organizador das jogadas são paulinas. Como esquecer o passe milimétrico que ele fez para Muller na vitória de 2 a 0 sobre o Flamengo no Morumbi. Mesmo assim ele não deixou de fazer gols. O mais bonito também teve como vítima o rubro-egro carioca, quando Palhinha encobriu o goleiro Gilmar no jogo do Maracanã.

Outros craques que se destacaram foram o "são" Ronaldo Luís, que repetiu o feito de tirar uma bola em cima da linha do gol, como havia feito na decisão do mundial contra o Barcelona. Zetti teve atuações brilhantes. Válber mostrou que é o melhor zagueiro em atividade dentro do Brasil. Cafu continua sendo o atleta mais versátil e de melhor preparo físico do futebol brasileiro. Mulher continua o mesmo. Quando menos se espera ele faz um gol decisivo. E o São Paulo bicampeão da Libertadores.



O Cerro foi adversário difícil de ser batido e complicado as coisas em casa. Mas no Morumbi caiu: 1 a 0. O Flamengo empatou no Maracanã, mas não resistiu em São Paulo

Argentinos levam um banho

O São Paulo precisou tomar um susto para mostrar todo o potencial de campeão no início da Libertadores da América. O primeiro adversário do Tricolor na competição foi um velho conhecido da torcida: o Newell's Old Boys, da Argentina, com quem a equipe do Morumbi decidiu o título sul-americano em 1992 numa partida dramática em que foi necessária a cobrança de penais para se conhecer o dono do caneco. No primeiro jogo entre os dois este ano, o São Paulo perdeu por 2 a 0.

Nesta primeira partida, realizada na Argentina, o mínimo que pode ser dito de Raí e Cia é que estavam irreconhecíveis. O Tricolor foi um time apático que não se encontrou em campo e sofreu os dois gols em falhas infantis de sua defesa. Para conquistar a vaga à fase seguinte, o time de Telê fez uma partida digna de um campeão mundial no segundo confronto entre as duas equipes, desta vez no Morumbi. Com um futebol arrasador, o Tricolor massacrando os argentinos.

O São Paulo venceu por 4 a 0, mas, a princípio não se imaginava um placar tão elástico, principalmente porque o Tricolor, ainda no primeiro tempo teve dois desfalques importantes. Os zagueiros Lula e Ronaldo se machucaram e tiveram que ser substituídos por

André e Válber, respectivamente. Felizmente, a equipe do Morumbi é um dos raros casos em que sai um jogador e o que entra em seu lugar consegue manter o mesmo ritmo, e às vezes ser até melhor que o titular.

A partida contra o Newell's marcou a melhor apresentação de Raí na edição da Taça Libertadores da América desse ano. Comandados por seu capitão, os jogadores tricolores mostraram uma das facetas do bicampeão sul-americano: a de implodido goleador. Terminado o primeiro tempo, o placar do Cicero Pompeu de Toledo indicava 2 a 0 para o São Paulo, gols marcados por Dinho, aos 27 minutos e Raí, aos 37. Resultado que levaria a decisão da vaga para a disputa de penaltis.

Apesar de no ano anterior Zetti ter se dado bem nas cobranças de penais contra o Newell's, os tricolores sabiam que seria muito melhor para os argentinos esse tipo de decisão do que para os são paulinos. O jeito foi liquidar a fatura. Aos 29 minutos, Raí fazia 3 a 0 e quando as coisas já estavam praticamente decididas, Cafu deu o golpe mortal no adversário fazendo o quarto e último gol da partida. Agora era só esperar o jogo contra o Flamengo pelas quartas-de-final.

Muita raça contra o Cerro

Um campeão não vive só de bons momentos. Tem dias em que o time não está bem tecnicamente. É hora de demonstrar garra e o São Paulo provou que esse também é um dos ingredientes que o transformou em uma equipe vencedora. A garra tricolor foi demonstrada contra o adversário das semifinais, o Cerro Porteno, do Paraguai. Este espírito de luta esteve presente, principalmente na segunda partida, quando o time de Telê Santana garantiu o empate de 0 a 0 no Paraguai e a vaga para a final.

A semifinal foi a fase em que o São Paulo demonstrou seu pior futebol durante toda a Libertadores da América. A primeira partida foi realizada no Morumbi e o Tricolor, a princípio, dava a impressão de que iria impor ao adversário um massacre, a exemplo do que fez com a equipe argentina do Newell's Old Boys. Puro engano, os comandados de Telê tiveram apenas 15 minutos de bom futebol, o suficiente para fazer 1 a 0, gol de Raí, depois de jogada articulada por Palhinha.

O resultado foi considerado perigoso por todos, afinal a previsão era de uma verdadeira guerra em terra paraguaia. "Isso não existe. A guerra entre Brasil e Paraguai aconteceu há muitos anos", disse Telê Santana. O São

de ter apoiado o seu time o tempo todo, os torcedores do Cerro em momento algum ameaçaram os jogadores são-paulinos. O time paraguaio também não veio com grande ímpeto para cima do São Paulo. Afinal sabia que se deixasse desguarnecida sua defesa corria sério risco de perder o jogo.

A tática cautelosa do time dirigido pelo brasileiro Paulo César Carpegiani fez com que o primeiro tempo fosse equilibrado com poucas chances para os dois lados. A melhor oportunidade acabou sendo do próprio São Paulo, quando Cafu arrancou no meio-de-campo, passou a bola para Palhinha e recebeu de volta. O meia tricolor chegou a driblar o goleiro Mandragon, mas ficou sem ângulo para bater para o gol.

Na segunda etapa as coisas se alteraram somente a partir dos 15 minutos de bola rolando. Sabendo que era hora do tudo ou nada, os paraguaios partiram para o ataque. O Tricolor se segurou como pôde, dava carrinho, chutes, enfim, tudo para garantir o resultado. A grande estrela da partida acabou sendo o lateral-esquerdo Ronaldo Luís. Faltavam poucos minutos para o encerramento da partida e ele tirou em cima da linha do gol uma bola que tinha como endereço o fundo das redes de

O Flamengo não resiste no Morumbi

Os jogos contra o Flamengo mostraram uma outra faceta do bicampeão da Taça Libertadores da América. Se nas partidas contra a equipe de Júnior, o São Paulo foi um time impiedoso como no segundo confronto com o Newell's Old Boys, pelo menos mostrou um futebol de muita técnica e velocidade, fazendo uma exibição de gala no Morumbi, quando garantiu a vaga para a semifinal após vencer por 2 a 0.

No primeiro confronto entre os campeões do mundo de 1981 e 1992, no Maracanã, o São Paulo poderia vencer com facilidade e já ter garantido, praticamente, a

passagem para a semifinal. São Paulo e Flamengo mostraram o melhor do futebol brasileiro e, no primeiro tempo, as chances de gols se alternaram, mas o Tricolor saiu na frente, um golaço em que Palhinha encobriu o goleiro Gilmar. No início da segunda etapa, o Flamengo empatou com Nélio e depois só deu Tricolor.

Se não conseguiu vencer o jogo do Maracanã pela grande atuação do goleiro Gilmar e mesmo por falhas nas conclusões das jogadas, o São Paulo, pelo menos deixava a cargo do Flamengo uma missão praticamente impossível:

vencê-lo no Morumbi. O estádio Cicero Pompeu de Toledo foi tomado, em plena quarta-feira, por quase 100 mil torcedores, que viram o time de Telê Santana mostrar um futebol de toques envolventes e rápidos não dando a mínima chance ao Flamengo.

Desta vez o grande jogador do São Paulo não foi Raí, mas sim Palhinha. O mineiro, dono da camisa 9, desequilibrou com habilidade e grande visão de jogo. Foi assim, que, aos 24 minutos do primeiro tempo, numa bola enfiada na zaga flamenguista, ele deixou Müller cara a cara com o goleiro

Gilmar. O atacante só teve o trabalho de desviar e correr para o abraço. Assim terminou a etapa inicial.

No segundo tempo, apesar de estar perdendo por 1 a 0, o Flamengo não conseguia mudar o panorama de jogo tal a facilidade com que os craques são-paulinos tocavam a bola. Aos 23 minutos, Cafu mostrou porque é um dos principais artilheiros do São Paulo no Paulistão. Vitor fez uma boa jogada pelo lado direito e cruzou. Cafu tocou de primeira na saída do goleiro Gilmar. Placar final São Paulo 2 a 0.

NEWELL'S 2 x 0 SÃO PAULO

Taça Libertadores da América 1993 - oitavas-de-final
Local: Estádio Parque Independência - Argentina
Data: 7 de abril
Gols: Cozzoni aos 20 minutos; Mendoza aos 35 minutos do primeiro tempo

Newell's Old Boys: Scorponi; Saldaña, Castagno, Pochettino e Berizzo; Llop, Martino, Berti; Zamora, Mendoza (Odrizola) e Cozzoni (Navarro). Técnico: Eduardo Manera.
São Paulo: Zetti; Vitor, Adilson, Ronaldo e André; Pintado, Dinho e Válber; Cafu, Palhinha e Muller. Técnico: Telê Santana

SÃO PAULO 4 x 0 NEWELL'S

Taça Libertadores da América 1993 - oitavas-de-final
Local: Estádio Cicero Pompeu de Toledo (Morumbi)
Data: 14 de abril
Renda: Cr\$ 1.175.880.000,00
Público: 31.931 pagantes e 11 mil não pagantes
Gols: Dinho, aos 27 minutos; Raí aos 37 do primeiro tempo; Raí, aos 29 e Cafu, aos 37 do segundo tempo.
São Paulo: Zetti; Vitor, Lula (André), Ronaldo (Válber) e Ronaldo Luiz; Pintado, Dinho, Raí e Palhinha; Muller e Cafu. Técnico: Telê Santana.
Newell's Old Boys: Scorponi; Saldaña, Llop, Pochettino e Berizzo; Martino, Berti (Gafanholi), Castagno e Zamora; Cozzoni (Ofriozola) e Mendoza. Técnico: Eduardo Manera.

CERRO 0 x 0 SÃO PAULO

Taça Libertadores da América 1993 - semifinal
Local: Estádio Defensores del Chaco (Assunção - Paraguai)
Data: 12 de maio
Cerro Porteno: Mandragon; Cristaldo, Gamarra, Capurro e Dida; Struway, Ferreira, Arce e Sotele (Balú); Alex, Villagra (Chaves). Técnico: Paulo César Carpegiani
São Paulo: Zetti; Vitor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luiz; Pintado, Dinho e Raí; Muller, Palhinha e Cafu. Técnico: Telê Santana.

FLAMENGO 1 x 1 SÃO PAULO

Taça Libertadores da América 1993 - quartas-de-final
Local: Estádio Mário Filho (Maracanã)
Data: 21 de abril
Renda: Cr\$ 3.081.000.000,00
Público: 80.010 pagantes
Gols: Palhinha aos 42 minutos; Primeiro tempo; Nélio aos seis; segundo tempo

Flamengo: Gilmar; Charles (Fabinho), Wilson Gotardo, Rogério e Josicler; Uidemar, Marquinhos, Júnior e Nélio; Paulo Nunes e Gaúcho (Nilsson). Técnico: Jair Pereira
São Paulo: Zetti; Vitor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luiz; Pintado, Dinho e Raí, Cafu, Palhinha (Catê) e Muller. Técnico: Telê Santana

SÃO PAULO 1 x 0 CERRO

Taça Libertadores da América 1993 - semifinais
Local: Estádio Cicero Pompeu de Toledo (Morumbi)
Data: 5 de maio
Renda: Cr\$ 3.695.215.000,00
Público: 50.446 pagantes
Gol: Raí aos 12 minutos do primeiro tempo
São Paulo: Zetti; Vitor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luiz; Pintado, Dinho e Raí; Muller, Palhinha e Cafu. Técnico: Telê Santana.
Cerro Porteno: Mandragon; Gamarra, Cristaldo, Capurro e Dida; Alcaraz (Duarte), Struway, Sotele e Arce; Chaves e Village (Rivero). Técnico: Paulo César Carpegiani.

SÃO PAULO 2 x 0 FLAMENGO

Taça Libertadores da América 1993 - quartas-de-final
Local: Estádio Cicero Pompeu de Toledo - Morumbi - São Paulo
Data: 28 de abril
Renda: Cr\$ 7.453.400.000,00
Público: 97.831 pagantes
Gols: Muller aos 24 minutos do primeiro tempo e Cafu aos 23 do segundo tempo.
São Paulo: Zetti; Vitor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luiz; Pintado, Dinho e Raí; Cafu, Palhinha e Muller. Técnico: Telê Santana
Flamengo: Gilmar; Wilson Gotardo, Júnior Baiano, Rogério e Fabinho; Uidemar (Djalminha), Júnior, Marquinhos e Nélio; Marcelinho (Paulo Nunes) e Gaúcho. Técnico: Jair Pereira.



Universidad Católica tentou jogar de peito aberto no Morumbi e levou 5 a 1 sem perdão. Foi uma exibição do Tricolor que empolgou sua torcida

O goleiro Zetti fez defesas que levaram os chilenos ao desespero. Ele, mesmo com a goleada, acabou sendo o grande destaque desse jogo

7

Chilenos levam um passeio no Morumbi

Foto/ Evlson de Freitas

Até o dia 19 de maio deste ano, o resultado mais expressivo de uma final de Taça Libertadores da América era do Boca Juniores, da Argentina, 4 a 0 sobre o Desportivo Cali, da Colômbia, na decisão de 1978. Só mesmo o São Paulo com um time repleto de craques e num dia inspirado para quebrar esse recorde. A vítima foi o Universidad Católica, do Chile, que tentou jogar de igual para igual com o Tricolor em pleno Morumbi. O castigo foi uma goleada de 5 a 1.

Apesar do placar elástico não se deve imaginar que a equipe chilena não tem qualidades, muito pelo contrário. Depois do São Paulo ameaçar pela primeira vez aos 10 minutos, com Palhinha mandando uma bola na trave, o Universidad respondeu a altura. Aos 13 minutos, Lepe, chutando de fora da área obrigou Zetti a fazer grande defesa. Pouco depois, o zagueiro Gilmar foi pressionado pelo ataque chileno e tentou recuar para o goleiro. Caso Zetti não fosse rápido, o placar teria sido aberto pelos chilenos.

Se Gilmar ainda teve o "quase" para impedir que a bola fosse para o fundo das redes, o jogador do Universidad, Lopez não teve a mesma sorte. Aos 30 minutos, Dinho cruzou e Palhinha novamente complementou

contra a trave. Na volta Lopez tentou aliviar e acabou empurrando contra as próprias redes. Dez minutos depois, Vítor recebeu de Palhinha já dentro da grande área e chutou forte. A bola desviou em Vazques e tirou qualquer possibilidade de defesa do goleiro Wirth.

Quem pensou que o Tricolor se contentaria com o placar do primeiro tempo se enganou. Aos 9 minutos da segunda etapa Gilmar recebeu de Müller e invadiu a área pelo lado esquerdo chutando entre a trave direita e o goleiro: 3 a 0. Seis minutos depois, o Raí ampliou a área pelo lado esquerdo chutando entre a trave direita e o goleiro: 3 a 0. Seis minutos depois, o Raí ampliou a área pelo lado direito e o camisa 10 estufou o peito mandando a bola para o fundo das redes. O quinto gol são-paulino foi marcado por Müller aos 32 minutos.

Depois disso, o ritmo da equipe caiu o que possibilitou ao Universidad Católica fazer o gol de honra, aos 40 minutos. Apesar do resultado elástico, os jogadores do Tricolor e o técnico Telê Santana não admitiam dizer que o São Paulo já era campeão. "Vai ser difícil eles ganharem de quatro gols de diferença, mas o futebol tem surpresas", dizia Telê, com a humildade típica dos grandes campeões. Além de praticamente conquistar o título, o São Paulo alcançou um novo recorde: 5 a 1.



Cafú voltou a mostrar um fôlego impressionante e levou, mais uma vez, o time do São Paulo a armar jogadas em velocidade

O milagroso Zetti

Não tinha como ser de outra maneira. A vitória do São Paulo sobre o Universidad Católica não poderia ter sido por menos de 5 a 1, num dia em que o Tricolor jogou inspirado e que todos os seus jogadores tiveram boa atuação. Até craques que há algum tempo vinham devendo para a torcida, como Vítor e Raí, tiveram um bom desempenho. É inegável porém que o goleiro Zetti, apesar do placar elástico, foi um dos grandes destaques. Outro jogador que apresentou uma atuação acima da média foi o zagueiro Válber, que assim vem se credenciando como uma das boas opções para o técnico da Seleção Brasileira Carlos Alberto Parreira.

Com o time chileno jogando aberto e ofensivamente, o camisa número 1 do Tricolor começou a trabalhar logo no início da partida. O primeiro chute perigoso do time chileno aconteceu aos 13 minutos, quando Lepe bateu de fora da área. Pouco depois Zetti teve que mostrar agilidade para que o zagueiro Gilmar não se transformasse no vilão do jogo, quando tentou recuar uma bola, já que era pressionado pelo atacante do Universidad Católica. Gilmar depois se recuperaria do erro fazendo um golaço aos nove minutos do segundo tempo.

Se as defesas do primeiro tempo já credenciariam Zetti como um dos melhores do gramado, o que ele fez na segunda etapa bastaria até mesmo para o técnico Carlos Alberto Parreira tirar sua dúvida de quem deve ser o ti-

tular da Seleção Brasileira. O Tricolor já vencia por 5 a 0 e os chilenos numa boa jogada invadiram a área são-paulina. Zetti fez três defesas seguidas, em cada uma delas possibilitando o rebote para o ataque do Universidad. No quarto chute o goleiro encaixou. Para o camisa 1 se consagrar definitivamente só faltou pegar o pênalti batido por Almada. Faltou pouco, muito pouco.

Se Zetti teve tanto trabalho não foi por falta de qualidade de sua zaga. Com exceção do erro de Gilmar, os zagueiros se portaram bem, principalmente Válber. O jogador carioca não fica devendo nada a quem estava no seu posto no ano passado: Antônio Carlos. Nessa partida, Válber saiu jogando na frente dos atacantes adversários, desarmou com classe e arriscava algumas subidas ao ataque.

Do meio de campo para frente o grande jogador da partida foi Palhinha. O camisa 9 do Tricolor participou de três das cinco jogadas que terminaram em gol. Palhinha vive o melhor momento de sua carreira e alguns cronistas esportivos chegam até mesmo a compará-lo ao campeão da Copa do Mundo de 70, Tostão. Com suas deslocamentos constantes, o camisa 9 tem sido praticamente imarcável. Ao contrário do ano passado, Palhinha não tem atuado efetivamente como atacante, dedicando-se mais à armação do que a complementação das jogadas.



A movimentação constante de Raí e Cafu fez com que a defesa do Universidad Católica ficasse perdida e sofresse cinco gols

SÃO PAULO 5 x 1 UNIVERSIDAD

Taça Libertadores da América 1993 — final
Local: Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)
Data: 19/5/93
Renda: Cr\$ 11.473.500,00
Público: 94.829 pagantes

Gols: Lopes (contra), aos 30, Vítor, aos 40 minutos do primeiro tempo; Gilmar, aos 9, Raí, aos 15, Müller aos 20 e Almada (pênalti), aos 40 minutos do segundo tempo.

São Paulo: Zétti; Vítor (Catê), Válber, Gilmar, Ronaldo Luís (André); Pintado, Dinho, Cafu; Palhinha, Raí, Müller. Técnico: Telê Santana.

Universidad: Wirth; Romero, Vazques, Lopez (Barrera), Contreras; Parraguez, Lepe, Lunari; Tupper, Almada, Perez (Reinoso). Técnico: Ignacio Prieto.

Torcedor. Prestígio também o futebol amador do seu clube. Com apoio, o São Paulo também formará futuros campeões

São Paulo se iguala ao Santos

Passados 30 anos o Brasil tem mais um bicampeão da Taça Libertadores da América. O São Paulo de Telê, Raí, Palhinha, Cafu, Müller e Cia se igualou ao Santos de Pelé, mesmo perdendo o jogo final da competição para o Universidad Católica por 2 a 0. Apesar da derrota, o Estádio Nacional do Chile virou palco da alegria brasileira, como em 1962, quando a seleção canarinho levantou naquele gramado, pela segunda vez a Jules Rimet. O dia 26 de maio de 1993 está escrito como mais uma página brilhante do futebol brasileiro.

"O que menos importa é o resultado. Conquistamos um título histórico. No Brasil só o Santos de Pelé havia conseguido tal feito", dizia Raí com um orgulho indisfarçável ao final da partida. Já Telê ia mais fundo na análise do jogo. "Nós começamos muito mal, permitindo que eles viessem para cima e fizessem dois gols. Acertamos o time no intervalo e

mantivemos o resultado que nos dava o título".

Realmente, em momento algum o Tricolor foi superior a equipe chilena. Precisando de um resultado praticamente impossível, o Universidad Católica foi com tu-

do para cima do São Paulo e tomava conta do jogo territorialmente. O time do Telê se desorientou de vez quando tomou o primeiro gol. O zagueiro Gilmar cortou um cruzamento de Lepe. No rebote, Lunari bateu de primeira fazendo um

golaço. Se antes o Tricolor não conseguia articular suas jogadas de ataque, a situação piorou ainda mais. O campeão do mundo parecia perdido e os chilenos, empurrados pela torcida, não deram folga. Tanto que aos 15 minutos, Barrera invadiu a área são-paulina e Pintado acabou cometendo pênalti. Almada cobrou, Zetti foi muito bem na bola, mas o chute veio com muita força.

Só depois desse gol é que o São Paulo conseguiu colocar a cabeça no lugar e se conscientizou da vantagem que havia adquirido na primeira partida. Os chilenos continuaram dominando territorialmente, mas o Tricolor já não boabeava tanto. "Acho que o São Paulo entrou em campo na mesma temperatura que estava fazendo no Chile (10°C) e só depois esquentou", comentou Pintado após receber a medalha de campeão.

UNIVERSIDAD 2 x 0 SÃO PAULO

Taça Libertadores da América 1993 — final

Local: Estádio Nacional do Chile

Data: 26 de maio

Gols: Lunari, aos 10 e Almada (pênalti), aos 15 minutos do primeiro tempo.

Universidad Católica: Wirth; Romero, Vasquez, Barrera e Contreras (Cardoso); Parraguez, Lepe e Lunari; Tupper (Reinoso), Almada e Peres. Técnico: Ignacio Prieto.

São Paulo: Zetti; Vítor (Cerezo), Válber, Gilmar e Marcos Adriano; Pintado, Dinho e Raí; Cafu, Palhinha e Müller. Técnico: Telê Santana

8

Disciplinador, ranzinza, ele gosta de tudo certo e preserva, mais do que nunca, a sua imagem de profissional dos mais respeitados

Articulista, ele deu uma nova dinâmica ao time Tricolor que hoje é uma verdadeira máquina de jogar futebol. E rumo a Tóquio, de novo



Telê: maestro de uma orquestra afinada

Considerada sempre como uma competição totalmente prejudicial ao futebol brasileiro, a Taça Libertadores da América, para o São Paulo, teve efeitos completamente contrários, uma vez que ajudou a projetar de vez a qualidade da equipe do Morumbi fora do Brasil. E é nesse momento, onde se ressalta a qualidade da 'orquestra', que não podemos deixar de louvar o grande 'maestro' Telê Santana.

Disciplinador, ranzinza, mas extremamente competente na direção dos clubes em que passou como técnico, Mestre Telê teve no São Paulo a chance maior de pôr fim de uma vez por todas, as críticas que diziam ser ele um pé-frio. "Ganhei títulos em todos os estados por onde passei. Só diziam ser eu um pé-frio aqueles que insistiam em não enxergar a verdade", desabafa o técnico campeão do mundo.

Desembarcando pelos lados do Morumbi no final de 1990, Telê começou a partir do ano seguinte a colecionar títulos, levando a equipe do Tricolor ao lugar privilegiado e de destaque que hoje ocupa. E a sequência de conquistas iniciaram-se já no ano da chegada, quando o treinador abiscoltou o título de campeão paulista. Veio 92, um ano que, com certeza,

za ficará na memória da gente são-paulina para sempre, tal a prodigalidade de conquistas obtidas em uma só temporada (Troféu Ramon de Carranza, Troféu Tereza Herrera, Copa Toyota e Campeonato Paulista).

E para uma competição do tipo da Libertadores, onde não basta ser o melhor, afinal lutamos contra a picardia dos sul-americanos, toda a astúcia e perspicácia de Mestre Telê se fizeram sentir na conquista de 1992. Orientando a equipe de maneira a praticar um futebol objetivo e competente, o treinador acabou incutindo no time o seu jeito de ser, onde a seriedade, objetividade e garra acabaram levando o São Paulo ao ponto mais alto do pódio, conquista que há muito tempo não era alcançada por equipes brasileiras.

E em uma final dramática, onde o Tricolor saiu em desvantagem no placar, a equipe são-paulina pode contar com o dedo 'mágico' do treinador, que num primeiro momento colocou Macedo em campo (autor do gol de empate), e depois na hora da cobrança dos pênaltis, onde o fiel escudeiro Valdir de Moraes, após passar as preciosas informações sobre o modo de bater dos adversários, propiciou a Telê o antídoto eficiente na figura do goleiro Zetti, que acabou se transformando no herói do jogo.



Como treinador do Atlético levou o time mineiro ao título do Brasileiro de 71. Ao lado, como treinador do Flamengo

Guerra contra arbitragens

Disciplinador ferrenho, onde a mínima falta é punida exemplarmente, o que acabou lhe granjeando a fama de "linha dura", Telê Santana vem se transformando em um mito do futebol graças ao temperamento duro e inflexível que o tem notabilizado. Incapaz de se adaptar aos modismos de alguns de seus jogadores, ou da firula desnecessária dos craques que mantêm sob comando, o treinador, apesar das críticas de alguns setores detém uma marca invejável de conquistas.

Crítico feroz das más arbitragens e dos jogadores desleais, Telê costuma levar suas ações às últimas consequências, quando o futebol, segundo ele, se vê ameaçado. Nestes momentos, Mestre Telê não se conforma, levanta do banco, protesta, esbraveja, incita a torcida, tudo para que o futebol não seja prejudicado, e principalmente, para que nenhum incauto se atreva a agir de má fé contra a equipe são-paulina, totalmente diferente daquele senhor pacato

que gosta de passar horas agradáveis na fazenda localizada em Minas Gerais.

Vencedor, competente, mas em algumas oportunidades insuportável, Telê Santana muitas vezes se parece com o não menos famosos Frank Sinatra, que tantas vezes já encerrou a carreira, mas que sempre volta não resistindo aos apelos dos fãs que não suportam a idéia de vê-lo longe dos palcos. E com ele é assim também, porque a cada final de temporada não são poucos os boatos sobre o encerramento definitivo da carreira.

Mas basta a bola voltar a rolar sobre a grama verde e úmida, que Telê se assanha, e não resistindo aos ares vitoriosos do Centro de Treinamento da Barra Funda, continua a treinar a equipe do São Paulo em busca de mais um título. E rodeado por microfones, mais uma vez repete mineiramente: "...em definitivo, não sei, quem sabe por mais seis meses..." (FF).

SP: casamento perfeito

Pé-frio, burro, ditador, vários são os termos usados pelos detratores quando o intuito é atingir o técnico Telê Santana. E o motivo de todo esse destempero verbal é o resultado de duas campanhas infelizes nas copas do mundo da Espanha e do México. Jornadas ruins onde Mestre Telê acabou sendo surpreendido pela garra de Paolo Rossi, em 1982, e pela falta de sorte contra o time de Michel Platini, em 1986.

Porém, como não há mal que sempre dure nem bem que seja eterno, 1990 pode ser considerado para Telê Santana como um divisor de águas em sua trajetória vitoriosa pelo mundo da bola. Tudo porque nesse ano, o técnico, que completa 21 anos de carreira, em 93, resolveu dirigir a equipe do Morumbi. A partir daí foi uma sequência de seis títulos, culminando com a conquista máxima do título de Campeão do Mundo, através da Copa Toyota.

Dessa maneira, Mestre Telê pode se considerar um predestinado, uma vez que ao chegar há três anos se propunha a permanecer no clube pelo prazo de apenas dois meses. No entanto, por se enquadrar perfeitamente à filosofia são-paulina, o treinador acabou colhendo os primeiros frutos do seu trabalho competente já em 1991, quando a equipe são-paulina conquistou o título de Campeão Paulista e Brasileiro.

Vem 92 e a busca de novos desafios continua a nortejar o grande estrategista. O time tricolor começa a participar da tradicional Taça Libertadores da América. São partidas desgastantes, principalmente porque a equipe disputa um campeonato paralelo brasileiro, mas a categoria e determinação do São Paulo são fatores fundamentais para derrotar os argentinos do Newell's Old Boys, em uma final de arrepiar os cabelos da gente são-paulina.

Porém as lutas não param por aí, o tricolor vai à Espanha, e como um miúda enfurecido derruba os adversários conquistando os troféus Ramon de Carranza e Tereza Herrera, além de bater o Barcelona, o que seria uma **avant-première** da disputa do título de campeão mundial interclubes que iria ocorrer em dezembro no Estádio Nacional de Tóquio.

Animados com essas conquistas, o elenco do São Paulo, em partida memorável, derrota a equipe comandada por Johann Cruyff por 2 a 1. Mas dezembro é um mês especial, e o Tricolor bate o Palmeiras em duas partidas pelas finais do Paulista: 4 a 2 e 2 a 1. Começa 93, e passados cinco meses, o time de Telê repete a dose, sagrando-se bicampeão da Libertadores ao vencer a Universidade Católica. (FF).



Com a camisa 10 do Fluminense, Telê, o Fiapo ou Fio de Esperança, foi um jogador de grande aplicação tática

Copa de 82: grande frustração

Qual brasileiro não se recorda, com tristeza contida, de uma certa partida ocorrida em campos da Espanha há exatos 11 anos? Era junho, a Seleção Brasileira realiza sua 12.^a participação em copas do mundo, e o adversário era a 'nossa' conhecida Itália, vice-campeã na Copa do Mundo de 1970, após impietosa goleada das "Feras de Zagalo", por 4 a 1.

O palco para a partida é o Estádio Sarriá, e ninguém, seja brasileiro ou amante do futebol, acredita que aquele esquadrão composto por Falcão, Toninho Cerezo, Zico, Sócrates e Éder, craques sob o comando do exigente técnico Telê Santana, possa sofrer qualquer imprevisto, tamanho o **handicap** do selecionado brasileiro que até o momento havia passado como um rolo compressor sobre

os adversários. No entanto, os deuses do futebol são caprichosos, e ao menor melindre são capazes de vinganças terríveis, capazes de aniquilar os semideuses da bola. Basta um empate. Contagem mínima, dizem alguns, basta não tirar o zero do placar, comentam outros... Vem o trilo agudo do juiz e começa a partida. Temos craques, disso ninguém duvida. Somos tricampeões, verdade inofismável que a veneranda FIFA nos concedeu de papel passado há 12 anos (que saudades da Jules Rimet). No entanto, a Azurra guarda uma arma mortal escondida a sete chaves, capaz de impedir nossa caminhada rumo ao tetracampeonato: Paolo Rossi. **Bambino d'oro** uma conversa, no máximo um trombadinha safado capaz de frustrar milhões de brasileiros que pareciam catatônicos diante da tragédia

que era mostrada na televisão. Um a zero, dois a um e finalmente três a dois para sepultar o trabalho de Mestre Telê. Passou o tempo (dizem as más línguas que brasileiro não tem memória), mas não é que da Tragédia de Sarriá ninguém esquece. Vem 86, e Telê fracassa novamente. Terrível, viperino, vingativo, o povo de 130 milhões de técnicos não perdoa: Telê é um pé-frio. Porém a verdade por mais tarde que seja sempre aparece, e o grande técnico tem a chance merecida de mais uma vez provar o seu valor. Vem para o São Paulo Futebol Clube, local ideal para pôr em prática toda a experiência adquirida nos quatro cantos do mundo. Sucedem-se os títulos, e junto com a equipe tricolor relembram o saudoso Adoniram Barbosa: **Oi nós aqui traves...**

No Fluminense era o Fio de esperança

Atleta muito dinâmico, para quem não existiam jogadas perdidas, Telê Santana foi durante a época em que atuou o que chamamos hoje de jogador moderno. Presente em todas as partes do campo, ele não se entregava nunca, procurando estar sempre atento ao desenrolar das jogadas onde quer que acontecessem. "Perdia muitos quilos durante as partidas, porque me movimentava muito. Nunca me considerei um craque, mas um jogador útil para a equipe", recorda o consagrado treinador.

E graças a essa disposição e volúpia pela busca da vitória, que Telê quando jogava pelo Fluminense acabou recebendo a alcunha de "Fio de Esperança". Resultado desse passado voluntarioso e dedicado, fica mais fácil entender hoje certas atitudes do treinador, ao não permitir qualquer excentricidade de seus pupilos a quem prefere manter sob rígido controle em benefício do bem comum da equipe que dirige (FF).



OS JAPONESES JÁ PODEM IR SE PREPARANDO...

ELES VÃO FICAR DE OLHOS ARREGALADOS.





Habilidade, visão de jogo, talento, precisão nos chutes, Raí é o que existe de mais moderno no futebol mundial. E um exemplo de profissional

Ele é o cérebro do time tricolor. Tem levado o time a grandes vitórias e mostrado um futebol de altíssimo nível. Pena que vá para o exterior

9

Raí: melhor exemplo do jogador moderno

FLÁVIO FICARELLI

Introvertido, jeito tranquilo, ar de galã de cinema, Raí em seis anos de carreira no Tricolor comprova com suas atitudes dentro e fora de campo o padrão São Paulo de jogar futebol. Dono da tradicional camisa 10, cujos antecessores proporcionaram várias glórias à equipe do Morumbi, o atacante tricolor representa a síntese do jogador moderno.

Porte físico avantajado, ótima colocação dentro do gramado e muita raça fizeram de Raí uma das presenças constantes na Seleção Brasileira. No entanto, as coisas nem sempre foram assim, uma vez que no início da carreira, o jogador contava com a "sombra do irmão Sócrates, o conhecido "Doutor" que na década de 80 encantou a torcida brasileira.

Com um começo modesto na equipe do Botafogo de Ribeirão Preto, Raí dono de muita personalidade já foi se firmando, e em 1988 já fazia parte do elenco são-paulino. No ano anterior ele tinha sido convocado pelo técnico Carlos Alberto Parreira, aumentando o prestígio tanto no Brasil quanto no Exterior, onde algumas equipes de renome começavam a prestar atenção no talento do jovem futebolista.

Confirmando a boa estrela, Raí um ano após a contratação pelo tricolor conquista o título de campeão paulista. Porém a consagração viria dois anos depois, quando, além do título, o camisa 10 também arrebatou a artilharia do campeonato com a marca de 20 gols, coroando o ano com Campeão Brasileiro

de 91. Mas o atacante não pára por aí e em 92 faz uma das melhores de toda a vida, vencendo quase todas as participações que o São Paulo disputou.

Na Seleção Brasileira o prestígio de Raí é uma constante, e mesmo com a preferência do treinador pelos chamados estrangeiros, o atleta é sempre lembrado por Parreira que considera imprescindível para o time canarinho. São vários gols e partidas decisivas que o acabam colocando como um dos prováveis titulares para a Copa do Mundo no ano que vem, a ser disputada nos Estados Unidos.

"É realmente um sonho vestir a camisa da Seleção Brasileira", garante.

Graças ao prestígio crescente, o camisa 10 começa a ser sondado pela equipe francesa do Paris Saint-Germain no final do ano passado, que resolve pagar pelo craque brasileiro a importância de dois milhões e seiscentos mil dólares, em uma transação realizada em janeiro de 93. No entanto, o São Paulo acerta com o clube francês garantindo a presença do ídolo tricolor por mais meia temporada.

Acostumados com atuações brilhantes de Raí, os torcedores do São Paulo não se conformam com a atual apatia do jogador, que neste ano parece estar desligado. Mesmo assim, o atacante marcou gols importantes na Libertadores que ajudaram o Tricolor a conquistar o bicampeonato, e mesmo nas semifinais do Paulistão que podem colocar o São Paulo na rota do tricampeonato.



Qual a solução para a saída do craque?

Rei morto, rei posto. Frase precisa e acabada que não permite maiores divagações. No entanto, na história do futebol, a substituição de craques da bola nem sempre ocorrem de maneira tranquila, provocando traumas na torcida, e às vezes seqüelas irreparáveis no clube. Vários são os casos de atletas que ao deixarem as agremiações, acabam provocando comoções irreparáveis, tal a importância do ídolo naquele contexto.

No caso específico do São Paulo, desde o anúncio da venda do atacante Raí, muito se tem discutido de quem seria o herdeiro natural, ou melhor um sucessor à altura. E mesmo a equipe do Morumbi sendo um celeiro inesgotável de craques, a "polêmica já foi instalada, provocando as mais variadas controvérsias de quem seria o mais indicado para ocupar a tão cobiçada camisa 10.

Graças ao futebol envolvente e grande precisão dos passes, de cara surge o nome de Palhinha, jogador criativo e perigoso que tem proporcionado jogadas incríveis no ataque são-paulino. No entanto, o próprio jogador se mostra um tanto relutante quando o assunto é sobre a sucessão de Raí. "Substituir o Raí não é uma tarefa das mais fáceis. Porém, se tiver que cumprir essa função tudo bem, mas hoje nem quero pensar. Além do mineirinho de Carangola, outro craque que vem sendo lembrado é o polêmico Denner, ídolo da Portuguesa, e que há algumas semanas foi cogitado como a próxima contratação do São Paulo. Nesse caso, os debates foram intensos, uma vez que o atacante da Lusa, devido à vida particular bastante conturbada, chegou a causar apreensão em algumas esferas do organizado Tricolor. O falatório acabou fazendo com que Telê exigisse uma conversa com o jogador antes de contratá-lo. As dúvidas estão lançadas e as soluções são poucas, porém para o são-paulino só resta a saudade de Raí."

Um irmão que é famoso

Ser o caçula de uma família numerosa é uma barra difícil de ser encarada com naturalidade. Agora ter um irmão famoso já se torna um problema difícil de se equacionar, principalmente quando ele exerce uma atividade semelhante. Esse foi o caso do Raí, cujo irmão famoso era nada menos que o inesquecível "Doutor Sócrates", jogador de raro talento, cantado em prosa e verso pela massa corintiana e também pela torcida brasileira que idolatrava o craque da camisa oito.

Porém o caçulinha da família Oliveira foi passo a passo supe-

rando seus problemas, e depois de ingressar nas equipes inferiores do Botafogo de Ribeirão Preto, de maneira incógnita para não ter qualquer tipo de favorecimento, finalmente conseguiu se firmar no time principal de onde foi contratado pela equipe do Morumbi. Dono de muita personalidade e postura diametralmente opostas ao do "Doutor", Raí foi conquistando inúmeros admiradores que não se cansam de comparar os dois irmãos para ver quem é o melhor. No entanto para essa resposta só o tempo trará solução....(FF).

Exemplar fora de campo

Bom homem, bom filho, bom pai, bom esposo... Quem já não ouviu esse velho adágio que mais parece um surrado texto de *curriculum vitae*. No entanto, para se falar da vida particular de Raí somos obrigados a cair na mesmice das palavras conhecidas, uma vez que o atleta é um exemplo da boa conduta naquilo que formalmente costumamos chamar de vida pregressa.

Porém, para conseguir o sucesso dentro das quatro linhas, onde os treinos diários são intensos, sempre acompanhados de longas e estafantes horas de treinos físicos, é necessário uma boa retaguarda familiar para poder proporcionar um perfeito equilíbrio ao atleta. Responsável pela armação do meio-de-campo tricolor, Raí vai buscar na esposa Cristina tudo o apoio necessário para superar as dificuldades das concentrações e das inúmeras horas passadas longe do lar.

E é nesse porto seguro do convívio familiar que o camisa 10 encontra nas figuras das filhas Emanuela e Raíssa, os dois grandes amores de sua vida, toda a energia para superar dificuldades inerentes à carreira de jogador de futebol. Acostumados à tranquilidade da pacta Ribeirão Preto, toda a família se prepara para um desafio maior que será enfrentar a Cidade Luz, nova etapa da vibrante carreira de Raí.

Sempre cercado por uma multidão de fãs que o procuram nos estádios e no Centro de Treinamento da Barra Funda, o craque tricolor já chegou a comentar sobre a dificuldade de enfrentar o assédio daqueles que o procuram. "Essa busca constante por parte dos fãs já chegou a incomodar minha vida com Cristina, mas finalmente tudo foi se ajustando, porque procuro encarar como uma coisa normal e que faz parte da profissão", ressalta.

Para também aliviar a tensão da maratona de jogos em que o São Paulo se viu envolvido, Raí procura curtir a família quando sobra tempo, ou, quando é possível, vai ao cinema, teatro ou a shows musicais, que diz apreciar muito. "Faço mais o tipo tranquilo, caseiro mesmo, mas também procuro diversão e lazer fora dos estádios de futebol para não me tornar uma pessoa com horizontes limitados", comenta o ídolo.



Contra o Barcelona, ele mostrou um futebol do mais alto nível técnico e provou que é um dos melhores do mundo

DEPOIS DE COLOMBO, OS PRIMEIROS DA AMÉRICA.

BICAMPEÃO DA LIBERTADORES



Zetti, Vítor, Válber, Gilmar, Ronaldo Luís, André, Lula e Telê (acima) e Cafu, Pintado, Dinho, Rai, Palhinha, Müller, Adílson e Ronaldo (abaixo) são os novos integrantes da galeria dos bicampeões da Taça Libertadores.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ